

A noite de todos os regressos

Quando se escutam os primeiros acordes do Coro dos Ferreiros, da ópera *O trovador*, de Giuseppe Verdi, um *frisson* de alegria — “É agora, é agora” — percorreu as centenas de pessoas que aguardavam o momento de poderem finalmente, ao fim de dois anos, voltar a sentar-se na bancada do Palco Grande da Escola D. António da Costa. O regresso a um local onde se é feliz salpicava as conversas e selava os reencontros. Nas suas palavras de boas-vindas, Rodrigo Francisco, em nome da equipa que organiza o Festival, agradeceu a solidariedade do público durante as duas edições anteriores, e Inês de Medeiros, presidente da Câmara Municipal de Almada, saudou a plateia e toda a CTA, cujo espírito de “resiliência e de resistência” possibilitou que o Festival nunca deixasse de acontecer, mesmo durante a pandemia: “Graças a vocês, o teatro em Almada não morreu”, sublinhou. Depois — e citando uma frase do espectáculo que se seguiu: *Aucune idée*, de Christoph Marthaler —, “sentada num maxilar entre o céu e a terra”, a plateia mergulhou numa fantasia

absurda, com toques de amargo realismo, para um actor e um violoncelista.

Antes, ao final da tarde, a Esplanada da escola tinha acolhido a chegada dos espectadores com a actuação de um grupo de jovens músicos refugiados, oriundos do Instituto Nacional de Música do Afeganistão. José Manuel Castanheira, o homenageado deste ano, realizou uma visita guiada à exposição documental *O meu nome é cenografia* e à instalação *A nudez do cenógrafo e a perplexidade do espectador*, na qual participaram vários convidados do mundo artístico e político, como Américo Rodrigues (Director-Geral das Artes); Kathleen Gomes (assessora do primeiro-ministro para a cultura); Risto Nieminen (director do serviço de música da Fundação Gulbenkian); Manuela Júdice (coordenadora da Temporada Cruzada Portugal/França); as deputadas à Assembleia da República Fernanda Velez, Paula Santos, Joana Mortágua e Alma Rivera; as actrizes Maria de Medeiros e Maria Rueff; o realizador João Botelho; e o poeta Nuno Júdice, entre outros. | **Rui Lagartinho**



José Manuel Castanheira, Inês de Medeiros, Maria de Medeiros, Pedro Castanheira, Nuno Júdice e Américo Rodrigues na inauguração de *O meu nome é cenografia*



A bancada do Palco Grande voltou a encher-se de espectadores

Melancias em desequilíbrio constante

Quando imaginamos um espectáculo de malabarismo com fruta em movimento, no qual os intervenientes mais não fazem do que interromper a lei da gravidade, pensamos em maçãs ou laranjas. Nunca em melancias. E, no entanto, elas estão bem presentes em *Smashed2*. São os próprios artistas ingleses da companhia Gandini Juggling que definem este espectáculo como “uma *performance* para oitenta laranjas, sete melancias e nove malabaristas”.

Smashed2 surge dez anos depois de *Smashed* e consiste, sem cortes abruptos, numa evolução na continuidade: num espectáculo mais sujo e mais arriscado.

Voltando às melancias, o seu arremesso é, no caso deste espectáculo, um ponto de ruptura, ou uma imagem de marca paulatinamente construída desde 1992, o ano da formação dos Gandini Juggling: estamos perante uma pesquisa e um aprofundamento artístico e estético de uma arte popular, com

raízes no circo, que mantém os códigos desta tradição mas que se reinventa constantemente. A dança junta-se à acrobacia não como um mero complemento de tempos mortos, mas integrada num conceito de total cumplicidade com o público. Os Gandini tanto actuam em palcos convencionais como em galerias de arte, palácios, estádios — ou na mais anónima das esquinas de uma grande cidade. Este colectivo já se apresentou em mais de cinquenta países.



Smashed2 amanhã no Palco Grande

Enjaulados

que já estava imaginada há quase cinquenta anos mas à qual recusei dar vida. Por isso aqui está, agora, a peça completa como eu de facto a concebi, já nesse tempo cada vez mais longínquo”.

“O que mais me agradou neste texto foram os diálogos curtos e secos. Um verdadeiro pingue-pongue verbal onde se lançam verdades até aí presas e inconfessáveis”, explica Jorge Silva, o encenador de *Em casa, no zoo*. E acrescenta: “O Peter ganha aqui uma dimensão que não tinha. Comprendemos melhor a sua fuga de casa e o confronto com o Jerry no parque. No fundo vamos percebendo



Em casa, no zoo, em cena na Incrível Almadense entre 7 e 9 de Julho

do que todos os personagens estão enjaulados. É um retrato cruel e assertivo da sociedade americana no final dos anos cinquenta. Uma sociedade em clara aceleração de desenvolvimento económico mas

totalmente hipócrita. As questões aqui tratadas são o verdadeiro laboratório dos temas que Albee irá desenvolver durante toda a sua produção teatral, quebrando tabus”.

MEU FESTIVAL

Amitié, ou sobre o elogio da simplicidade

Este espectáculo, exibido no Festival de Almada de 2021, permitiu-nos o contacto com uma concepção estética depurada em toda a linha, desde a dinâmica da cenografia até ao enlevo dos actores comprometidos com a sua Arte profundamente humana e despojada de artifícios, utilizando a Voz e o Corpo como instrumentos essenciais de comunicação.

Tal concepção agregou actores e espectadores numa verdadeira viagem em constante devir de construção e desconstrução, ancorada na génese da oralidade e da itinerância que se consubstan-



François Chattot e Martine Schambacher: dois velhos cúmplices do público do Festival

ciaram nos diversos cenários que se foram apresentando com uma eloquência narrativa cristalina, embora sempre onírica, como é apanágio do Teatro que emociona e interpela quem assiste. Foi nesse contexto que a característica mais impressionante deste espectáculo se manifestou, como se os espec-

tadores também estivessem em cena, fazendo parte da sua narrativa fundamental, numa simbiose natural. *Amitié* contribuiu para corroborar a associação da Cultura ao ecletismo, propósito que a CTA tem cumprido com sucesso ao longo dos anos. | Ana Almeida e Costa, 35 anos, jurista

Amanhã, Peter Kleinert na Esplanada

Peter Kleinert abre amanhã a série de Colóquios na Esplanada, uma tradição do Festival que regressa em pleno. Sempre às 18 horas.

O encenador de *Noite de Reis* estará à conversa com Maria João Brilhante, professora, membro do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade

de Lisboa. Esta série de Colóquios permite ao público contactar com alguns dos criadores que participam nesta edição do Festival e aprofundar o conhecimento sobre cada espectáculo.

Noite de Reis, de Shakespeare, marca o regresso a Almada do veterano encenador alemão que em 2018 dirigiu *A boa alma de Sé-*

-Chuão, de Bertolt Brecht. A ligação à Companhia remonta a 1981, quando Kleinert, juntamente com Peter Schroth, dirigiu em Almada *A excepção e a regra*, também de Bertolt Brecht.

Os Colóquios da Esplanada são organizados em colaboração com a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.

AGENDA DE AMANHÃ

18:00 | Colóquio
Peter Kleinert
Escola D. António da Costa

20:30 | Música
Juvânia
and the space jammers
Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro
Noite de Reis
Teatro Municipal Joaquim Benite

22:00 | Teatro
Smashed2
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Rolo de carne c/ tâmaras e bacon
Pescada estufada c/ ameijoas

AMANHÃ
Perna de peru c/ gengibre e laranja
Lulas recheadas c/ puré de batata

APLICAÇÃO DO FESTIVAL DE ALMADA

